



Artigos

Ainda é tempo

Cristiane Souza

Ylê Asè Egi Omim; UERJ

Wanda Araújo

Ylê Asè Egi Omin

Ainda é tempo

Resumo:

Este artigo tem o intuito de compartilhar alguns pensamentos e práticas que estão sendo vivenciados no terreiro de candomblé *Ylê Asé Egi Omim*, que também é um Centro de Tradições da Cultura Afro-Brasileira. A intenção é destacar as iniciativas que os terreiros promovem e que são também locais de educação, formação, experiência, exercício de novos modos de vida e de respeito à transmissão e à continuidade dos conhecimentos ancestrais. Também são espaços pedagógicos e afetivos de preparação política e de convivência circular com a natureza, como forma de enfrentamento ao mundo excludente imposto pela colonialidade.

Palavras-chave: terreiro, quilombo, pretafrogogias, matriarcado.

Todavía es tiempo

Resumen:

Este artículo tiene como objetivo compartir algunos pensamientos y prácticas que se están viviendo en la Casa de Candomblé Ylê Asé Egi Omim, que también es un Centro de Tradiciones de la Cultura Afrobrasileña. La intención es resaltar las iniciativas que los terreiros promueven, que también son lugares de educación, formación, experiencia, ejercicio de nuevas formas de vida y respeto por la transmisión y continuidad de los saberes ancestrales. Estos son también espacios pedagógicos y afectivos de preparación política y de convivencia circular con la naturaleza, como forma de enfrentar el mundo excluyente impuesto por la colonialidad.

Palabras clave: casa del candomblé, quilombo, pretafrogogias, matriarcado.

We still have time

Abstract:

This article aims to share some thoughts and practices experienced in the terreiro [house] of Candomblé Ylê Asé Egi Omim, which is also a Center for Afro-Brazilian Culture Traditions. The intention is to highlight the initiatives that the terreiros promote and that they are also places of education, training, experience, the exercise of new ways of life, and respect for the transmission and continuity of ancestral knowledge. They are also pedagogical and affective spaces for political preparation and circular coexistence with nature to face the excluding world imposed by coloniality.

Keywords: terreiro, quilombo, pretafrogogias, matriarchy.







*Damos o conhecimento para a fêmea,
nossa Ìyá que encarna o conhecimento.*

*Nós chamamos o conhecimento de Oxum,
nossa Ìyá que encarna o conhecimento*

*Nos submetamos a Ìyá
É Ìyá quem nos deu à luz.*

*Antes de nos tornarmos seres humanos.
Nos submetamos a Ìyá*

*A fêmea deu à luz ao soberano
Antes que o soberano se tornasse um Deus.*

Excerto de Oseetura¹

Toda herança da cultura iorubá se assenta sob reflexões constantes e profundas acerca do corpo e das relações com a natureza como elementos constitutivos para nossa trajetória no Àyé (Terra). Também estruturam vivências pautadas nas orientações dos mais velhos para enraizar os aprendizados, ancestralmente passados e repassados de voz em voz.

Falar de ancestralidade, neste momento em que ainda tantos corpos pretos são apagados pelo opressor, é entender que precisamos fortalecer nosso corpo físico e nosso corpo ancestral para seguir na luta e estabelecer novas políticas.

Podemos evocar aqui pelo menos duas noções de ancestralidade. A primeira é a familiar, que se exerce no dia-a-dia e diz respeito aos valores adquiridos em casa, a nuclear célula de enfrentamento ao mundo racista, branco e machista. A segunda é a ancestralidade que nasce do exercício religioso dentro dos terreiros, que se elaboram também como espaços culturais, políticos, sociais, econômicos e éticos. Essa noção acentua que os terreiros são verdadeiros quilombos, guardiões de sabedorias milenares e criadores de processos de transmissão que se atualizam, mas que mantêm estruturas de longa duração.

Importante dizer que o Ylé vive a primeira dinastia, que se edifica com toda uma bagagem de uma família do samba, da macumba e de toda a cultura preta. Uma construção que tem seus pilares nas vivências dos que vieram antes, e, por isso, olha para trás para ouvir a voz dos mais velhos para nunca esquecer do que já foi feito. A oralidade é nossa forma de escrita e nosso modo de continuidade, que vem estruturando nosso terreiro através de uma prática matricial de gestão, conduzido por uma Yalorixá que compreende que a potência do cuidado, do afeto e de gerir uma comunidade está igualmente potencializada em todas as pessoas que o compõe.

Nesse sentido, é preciso desmistificar também a ideia de que os terreiros são lugares onde apenas se misturam ingredientes mágicos, como bem aponta o professor Jayro de Jesus². Os terreiros são espaços de educação, formação, experiência, exercício de novos modos de vida,

1 Mito sobre Oxum, de origem iorubá. Versos coletados por Oyèrónké Oyewùme com o Chief Olagoke Akan-ni, Araba Oluawo Ogbomoso, em 7 de julho de 2008. Tradução Wanderson Flor do Nascimento.

2 Professor Jayro Pereira de Jesus é Teólogo da Religião Afro e é um atuante pensador sobre a Educação, com ênfase em Educação, com foco nos povos e comunidades tradicionais de matriz africana, comunidades tradicionais de terreiro, paradigma civilizatório negro-africano, paradigma civilizatório e metodologia afro-centrada.



respeito à transmissão e à continuidade dos conhecimentos ancestrais. Também são trincheiras de preparação política e de convivência circular com a natureza como forma de enfrentamento a esse mundo, já tão apodrecido.

Dar relevo aos terreiros como lugares de geração de potências criadoras, é reconhecê-los como espaços de vivências de uma memória ancestral que se faz urgente, atual e viva. Importante que se diga que a ancestralidade não deve ser confundida com passado, até porque do povo preto foi retirado o passado e, ainda hoje, tentam tirar de nós uma perspectiva de futuro. O ancestral, tanto em relação à espiritualidade, quanto às tecnologias, tem função primordial no tempo presente - e reivindica pela autoria de saberes e ciências carregados de encantamentos e magias que os elevam à permanência.

No barro pisado do terreiro aprendemos com os orixás através dos toques, danças e histórias de luta, amor e sobrevivência. Vivemos a exemplo de seus ensinamentos, rodeados de mandingas e protegidos das armas que nos cabem: *ochês*, *abebés*, *ofás*, adagas, lanças, ervas, grãos, elementos minerais, vegetais e animais, com os quais vivemos, convivemos e interagimos.

As memórias das matrizes africanas estão essencialmente escritas e inscritas no corpo. Damos ao corpo aquilo que ele precisa para estar em equilíbrio. Para nós, não existe distinção entre corpo e alma e, portanto, nosso corpo físico, tudo que envolve seu bem estar e todos os outros seres que nos cercam, são sagrados. Nossos corpos são nossos altares vivos, onde se assentam ciências milenares.

Então, nosso tratamento ao corpo é integral e integrado, e temos diferentes enfermarias para cuidar de tudo. Nossa sabedoria sobre as plantas vem de longe, nossa farmacopéia é estudada e usurpada até hoje pela branquitude, que se utiliza das ervas sagradas e as converte em patentes de negócios bilionários para a formação de grandes oligopólios. Nós sabemos das riquezas contidas na natureza e contamos com a sabedoria dos *Babalossains*, que têm, entre outras funções, o conhecimento sobre as folhas, tão essenciais aos nossos rituais, para distinguir as receitas específicas para as necessidades de cada indivíduo e para cada ocasião. Nossa tarja preta não tem contra indicações e, há muito tempo, os terreiros tratam de mazelas físicas e sociais através dos banhos, plantas, chás, rezas, rituais, vivências e convivências. Temos a honra de experimentar na pele a energia dos orixás, que erçam os pelos e abrem outros mundos incontáveis.

Em visita ao nosso território, em fevereiro de 2022, em virtude do lançamento do seu livro *Colonização, Quilombo: modos e significações*, o pensador e poeta quilombola Nego Bispo (2021), afirmou que “o quilombo é cosmológico. O quilombo é o céu, a terra, o vento, a floresta. O quilombo é tudo isso.”³

Para contar um pouco sobre nossas experiências enquanto quilombo urbano, é preciso saber que nossa comunidade se chama *Ylê Asè Egi Omim*. *Egi* (Terra) e *Omin* (Água), por isso dizemos que somos filhos da Terra e da Água. Estamos localizados em Santa Teresa, em plena região de preservação de Mata Atlântica, no Rio de Janeiro. Nos organizamos para viver o terreiro para além da prática religiosa. Compreendemos que o território sagrado de um *Ylê*, também é um foco de elaboração de pensamentos e ações sobre o mundo, revivendo e construindo códigos filosóficos, pedagógicos, éticos, políticos, culturais e afetivos do povo preto, coletivamente.

Sob essa perspectiva, o espaço também abriga o Centro de Tradições da Cultura Afro-brasileira Egi Omim, justamente para promover um diálogo com outros projetos, outros atores

³ O trecho da fala de Nego Bispo pode ser visto na página do instagram do Egi Omim. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CaQIQS3pFmN/>



sociais e abrir os portões para discussões de temas urgentes e necessários. Deste modo, nossas ações se potencializam através desse trânsito, fazendo conversar a tradição com o presente e com o entorno, um território cercado de comunidades às voltas da Floresta da Tijuca. Estamos assim, lapidando nossos diamantes que são a educação, a arte e a cultura de práticas orgânicas para desenvolver projetos e novas parcerias, inspirados nas tecnologias afro-pindorâmicas⁴, que abarcam os saberes dos povos tradicionais.

Desde 2020 criamos a Colônia de Férias, *Erês, Curumins e Quilombolas*, aberta à comunidade do entorno. Com o intuito de exercitar um espaço com foco nas práticas pedagógicas do terreiro, recebemos crianças de idades entre sete e dez anos e oferecemos atividades que convidam a um mergulho nas nossas vivências. A colônia teve a duração de uma semana, onde ministramos oficinas de pintura corporal, de plantio, de toques e dança para os orixás, de arte com argila e grãos, dentre outras. Todos os dias, ao chegar, as crianças tomavam banho e trocavam de roupa para iniciar as atividades. Participavam também da produção da comida e tudo era feito coletivamente, como acontece no cotidiano do terreiro. Conseguimos, inclusive, manter a colônia em versão online no primeiro ano da pandemia.

Neste ano, de 2022, inauguramos o *Escritório da Mata* dentro do nosso território, orientado pelo Seu Roxo, Caboclo de Pena de linhagem Maranhense (cultuador dos ritos de boi) que faz parte da ancestralidade da família biológica da Matriarca do Egi Omim, Wanda Araújo. O Escritório nasce com o intuito de se dedicar ao exercício das *Pretafrogogias*⁵ de Terreiro. Um espaço que servirá como plataforma de elaboração de discussões e práticas antirracistas, utilizando a cultura, a arte, a educação e a relação com o meio ambiente para reforçar a identidade preta e suas *pretinhosidades*. Chamamos de *pretinhosidades* as práticas de existência do povo preto, baseados na resistência, mas também nas memórias e potências trazidas nos corpos, nas tradições e nos fundamentos. Princípios esses que nos erguem e nos fazem gingar no jogo de dentro e no jogo de fora para driblar o sistema com a inteligência da capoeiragem, que nos rega de inteligências e possibilidades de estratégias.

O espaço se estrutura também para estruturar formas próprias de manutenção e preservação de todo ecossistema que nos cerca. Estamos desenvolvendo tecnologias de plantio de ervas e planejando um laboratório para sementes. Para isso, estamos preparando uma incubadora de dispositivos, juntamente com outros projetos que levantam uma agenda sobre saberes tradicionais e outros modos de vida, que insistem em permanecer ativos nas brechas da hegemonia neoliberal propondo outros mundos possíveis.

Desse modo, estamos elaborando, na prática, nossas formas de organização e nossos códigos pedagógicos e políticos de resistência e de continuidade, frisando nossa relação com a natureza e com as potências ancestrais que nos unem.

Se falar de natureza também é falar de ancestralidade, é preciso nos remeter às forças femininas que zelam pela vida e que inspiram nossa existência. E, quando falamos de vida, nós, povo de Axé, estamos falando de uma vida cheia de fartura, saúde, equilíbrio, boas palavras e bons ensinamentos, para os nossos e para todos. Podemos traduzir Axé como potências de vida, mas não uma vida qualquer, sujeita a todos os males que o colonialismo, o capitalismo, o machismo e a necropolítica impõem. Mas uma vida plena no exercício dos nossos direitos e de

⁴ Nego Bispo sugere o termo afro-pindorâmica como prática de descolonização da linguagem e do pensamento. Pindorama (Terra das Palmeiras) é uma expressão tupi-guarani para designar regiões e territórios da hoje chamada América do Sul, que incluem populações quilombolas, negras e indígenas.

⁵ . Termo criado por Wanda Araújo para designar as práticas pedagógicas e ações de trincheira que vêm sendo elaboradas no Ylê Asê Egi Omim e que podem ser difundidas em outros espaços.

Ainda é tempo

liberdade para as vivências que nos ensinam que batucar, cantar e dançar é cuidado, é reza e nos fortalece integralmente.

Cada vez mais, temos a oportunidade de conhecer mulheres que vêm exercitando, já há tempos, novos modos de falar, de escrever, de agir, de pensar e de viver, transgredindo as epistemologias coloniais. São essenciais para nós, por exemplo, o conceito de “escrevivências”, desenvolvido pela professora e escritora Conceição Evaristo (EVARISTO, 2006), que se constrói a partir da elaboração da própria existência, experimentadas no corpo, na pele, na memória e na subjetividade, como base para criação de narrativas específicas dos corpos pretos.

Assim como Conceição, também Carolina Maria de Jesus, Chimamanda Ngozi Adichie, Bell Hooks, Audre Lorde, Angela Davis, Lélia Gonzáles, Beatriz Nascimento, Denise Ferreira da Silva e Oyèrónkẹ Oyěwùmí, colocam uma lente de aumento sobre o mundo, embebidas em águas que reavivam heranças femininas ancestrais. E é dessas águas míticas que brotam potências de vida que permitem estruturar códigos espirituais, mas também sociais, políticos, filosóficos, éticos e estéticos.

A pensadora Oyèronkẹ Oyěwùme traz para reflexão a estrutura pré-colonial da sociedade Oyo-iorubá¹ do sudoeste da Nigéria, de onde é natural. Ela aponta que essa estrutura de sociedade não mantinha uma ordem político-social generificada⁶. Ou seja, não se organiza tomando o gênero como princípio para determinar as funções na comunidade. Também frisa que, dentro do sistema organizacional iorubano, não fundamentado na ideia ocidental de “homem” ou de “mulher”, a instituição “*Ìya*” (traduzida como Mãe), é o centro, pois ela é a fundadora da prole, sem a qual, nada existiria. “A *Ìyá* é a entidade que incuba e dá à luz a uma alma já existente.” (OYÈWÙME, 2016, p. 5). A categoria *Ìyá* contém o ethos da matripotência, assentado no entendimento de que os cuidados com a manutenção da vida não cabem somente a quem a gerou, lugar ocidentalmente relegado às mulheres e que determina as funções da categoria “mãe”. Nesse sentido, *matrigestar* é estabelecer formas cotidianas de vida, através das encruzilhadas fluidas, com abrangência espiritual e também social, econômica, cultural, para estruturar dispositivos cosmopolíticos para a comunidade. A essa potência feminina, tomamos como a qualidade de Mãe Ancestral (*Ìya*), que integra a esse princípio um poder gerador. Nesse sentido, a potência *Ìya*, condizente à fertilidade, não se refere somente à geração de vida, mas também à capacidade de nutri-la. Esse signo agrega para nós o fundamento de *matrigestar*, que opera como valor simbólico para a manutenção de estruturas organizacionais de uma comunidade.

Desse manancial que brota da potência de *Ìya* como código organizacional, podemos ver brotar águas que criam espelhos capazes de refletir, tanto a nós mesmos, quanto ao que está ao nosso redor, para criar múltiplos pontos de vista. O poder imagético das águas cria encruzilhadas líquidas, que possibilitam duplicar mundos e inaugurar caminhos. As águas, elemento presente desde a geração até a nutrição, nos ensinam a vislumbrar tudo que é próspero e abundante, fundamentos de extrema relevância nos processos de investigação das subjetividades, na humanização das relações e nos princípios para organização de uma comunidade. Esses fundamentos podem se tornar princípios pedagógicos que se instauram a partir de uma ética do cuidado, da coletividade, do afeto e do amor como arcabouço político para ancorar estratégias de trincheira e de combate. A lembrar que, desde a travessia do Atlântico, “os corpos negros trasladados nos fluxos da diáspora são também terreiros, que se significam, através de suas práticas, outras

⁶ Na sociedade iorubá, pelo contrário, as relações sociais derivam sua legitimidade dos fatos sociais e não da biologia. Os meros fatos biológicos da gravidez e parto importam apenas em relação à procriação, como devem ser. Fatos biológicos não determinam quem pode se tornar monarca ou quem pode negociar no mercado. Na concepção autóctone iorubá, essas questões eram questões propriamente sociais, e não biológicas; portanto, a natureza da anatomia não definia a posição social de uma pessoa. (OYÈWÙME, 2016, p. 17).



possibilidades de invenção de vida e de encantamento do mundo” (RUFINO, SIMAS, 2018, p. 50), como matéria de continuidade e de reinvenção.

Há uma íntima ligação entre a simbologia de *lyá* com os modos de criação na arte, por terem, ambos, a função sagrada de gerar, o que traz ao fundamento uma dimensão estética, que tem íntima ligação com “Axé”. Essa qualidade é considerada *Onàyiya* - que diz respeito a “fazer arte - entre outras coisas” (OYÊWÙME, 2016, p. 15).

Nossa cartilha preta é desenhada no corpo, inscrita na carne, gravada em todos os sentidos. Esse aspecto nos potencializa de forma total e nos permite perceber o que acontece no mundo de forma ampla. Esse é o valor ancestral. Essa é a potência do saber feminino que se materializa no cuidado e na possibilidade de fazer leituras do mundo em formato firme, cheiroso e singelo. Nesse sentido, nosso quilombo urbano vive hoje a primeira dinastia de um matriarcado que é atual e militante das causas antirracistas e está se enraizando no dia após dia. Vamos existindo e resistindo, com fé nas nossas ações pedagógicas, na lapidação de uma consciência política dos nossos e nas nossas práticas que envolvem toda a comunidade. Ainda é tempo... Tempos de vírus que matam milhões, de natureza revoltada, de águas que descem a montanha levando tudo. Será que ainda somos capazes de nos renovar e transbordar para além dos prenúncios de fim dos tempos? Ainda podemos ser água que rola macia na pedra bruta?

A forma como a história que se escreveu apagou a nossa memória dos livros brancos, ao passo que a memória preta foi construída no desterro, nos porões dos navios, nas senzalas e ainda hoje nas prisões, nos hospícios, nas ruas e ruelas das favelas. O povo preto, o corpo preto, mesmo sendo marcado, agredido e assassinado, foi e é capaz de guardar e fazer permanecer sabedorias ancestrais de resistência, de luta e desenvolver tecnologias refinadas de existência. E, grande parte disso, se deve aos terreiros. Sabedorias essas que secularmente foram sequestradas e escamoteadas sob o disfarce de novas roupagens brancas.

Nossos terreiros são territórios com profundos modos de organização e subsistência. O *Awo* está conosco, a *kizomba* está conosco. Por isso, não vão nos desanimar e nem nos dizimar, tal qual planejaram. Nossos tambores acordam vidas, nossas rodas que contrariam o sentido do relógio espiralizam o tempo e fazem existir saberes, nossos ritos se atualizam a cada vez que são refeitos em nossos corpos, que são altares vivos. Nós, pessoas de Axé, existimos e coexistimos em dois mundos: o *intra-mariô*, no qual estamos protegidos por nossas sabedorias e todos os seres e energias que nos acompanham; e o *extra-mariô*, o mundo de fora, comum a todos, que nos persegue, nos explora e nos mata. Precisamos entender que o mundo dos brancos não nos acolhe, não nos abraça, não nos legitima e ainda escamoteia nossa história.

Pertencer a uma religião de matriz africana é entender que o pilar de sustentação do nosso Ser é o Axé como potência radical de vida, em todos os sentidos, para nos elaborar como indivíduos e como comunidade, atuando politicamente na sociedade. Uma vida saudável, plena e abundante, considerando a nossa vida física, da carne e do osso, mas também a vida do verde das plantas, da água, da terra, da pedra, enfim, nos entendendo como natureza. Mais do que nunca, temos que ocupar os espaços onde se elaboram políticas. As canetas que decidem têm que estar também em mãos pretas, dando as cartas e definindo o jogo.

Desejamos que esse escrito tenha efeito de alimento, que nos fortalece e nos deixa inteiros e inteiras para somarmos na luta contra a lei da bala, que normaliza a necropolítica, a miséria, a fome, as formas de exclusão, exploração e desigualdades.

Que nossas forças se unam para lutar contra o peso das canetas que autorizam todos os tipos de perversidade contra nosso povo. Ainda é tempo.

Referências

BISPO, D, S. A. **Colonização, quilombos:** modos e significações. Associação de Ciências e Saberes para o Etnodesenvolvimento AYÔ. Brasília, 2021.

EVARISTO, C. **Becos da memória.** Belo Horizonte: Mazza, 2006.

RUFINO, L. **Pedagogia das encruzilhadas.** Rio de Janeiro: Mórula Editora, 2019.

RUFINO, L; SIMAS, L. A. **Fogo no mato:** as ciências encantadas das macumbas. Rio de Janeiro: Mórula Editora, 2018.

YĔWÙMÍ, O. **Matrpotency:** òyá in philosophical concepts and sociopolitical institutions. What Gender is Motherhood? Tradução para uso didático de Wanderson Flor do Nascimento. Palgrave Macmillan, cap. 3, p. 57-92. Nova Iorque, 2016.

